



de bens essenciais, e em muitas outras áreas. Graças também à tecnologia, os textos filosóficos da Loja Independente são lidos em dezenas de países.

Carlos costuma dizer que as façanhas tecnológicas de certa forma correspondem a *siddhis* inferiores como a telepatia, a projeção astral, a materialização de objetos, entre outros. Então eu pergunto a mim mesma:

*Assim como o desenvolvimento de “poderes” pode ser perigoso para aquele que não tem sabedoria e bondade suficientes para saber usá-los, estes avanços tecnológicos não poderão também eles representar o mesmo tipo de perigo?*

A palavra “tecnologia” combina as palavras gregas “*techne*” (técnica, arte, ofício) e “*logos*” (verbo, razão, conhecimento). Tendo em conta a etimologia do termo, percebemos que o ser humano é “tecnológico” desde sempre e que a vida evolui através da arte, da capacidade em aplicar conhecimento e executar ideias. A tecnologia ajuda-nos a transformar o mundo e a satisfazer várias necessidades humanas.

Ler ou publicar um livro, trabalhar o ferro, preparar uma fogueira, desenhar, cultivar alimentos em casa, etc., não deixam de ser atividades tecnológicas por serem técnicas e artes antigas ou fora de moda. O universo manifestado é uma expressão e ferramenta do pensamento divino e todo ele é, nessa perspectiva, tecnológico.

A tecnologia deve existir para servir a vida, mas chegamos a uma etapa em que parece que a humanidade começa a servir a tecnologia.

Num mundo que liga sobretudo às aparências, crescem os avanços no desenvolvimento e aplicação da inteligência artificial. Se hoje há uma capacidade instantânea de comunicação, há também entre os indivíduos uma maior dificuldade em estabelecer relações profundas e sinceras.

As causas dessas e outras disfunções estão ligadas ao mundo da tecnologia, ou resultam da falta de um amadurecimento no plano da alma, que guie e acompanhe o progresso material?

No mundo virtual uma pessoa pode fingir o que ela bem entender, e aqueles que estão distantes de seus eus superiores tendem a projetar uma imagem falsa ou que corresponda às expectativas alheias. A felicidade, hoje em dia, é sinônimo de posse: possuir carro, casa, viagens, uma conta bancária farta, um sorriso no rosto e tantas outras coisas. Coisas essas que podem ajudar no bem-estar físico, mas que estão bem longe de ser causas de felicidade.

Há uma tendência natural para “ter”. O sentido de posse faz parte da nossa natureza e Freud, na obra “A Civilização e os seus Descontentamentos”, deixa isso bem claro. No entanto, o que os indivíduos devem ter é, acima de tudo, a posse de si mesmos.

Quando o indivíduo se esforça por reinar no seu vasto território interno, ele abandona o “ter” para “ser” e busca dentro aquilo que não tem fora de si. E é possuindo a si mesmo que o indivíduo pode ser, verdadeiramente.

É preciso resgatar a sinceridade. É preciso coragem para admitir e expressar emoções profundas e verdadeiras, mesmo quando isso vai contra as expectativas dos outros.

Carlos afirmou:

“As emoções ‘movem’ as coisas. Elas colocam as coisas em movimento. Aquele que não está em contato real com seus próprios sentimentos fica paralisado, e isso pode acontecer tanto a um indivíduo quanto a um grupo ou associação.” [1]

Calar ou falsificar emoções não é um objetivo do estudo teosófico. Para ser feliz é preciso ser leal à consciência, aceitar a fragilidade da vida, olhar os medos e as incoerências, expressar a discordância, bem como a harmonia, manifestar o desagrado, assim como o contentamento.

Teosofia é Vida e vida é movimento. O ser humano não é uma máquina destituída de emoções. O que o estudo teosófico faz é ajudar a elevar o foco dos pensamentos e dos sentimentos, como Carlos escreve:

“Em Teosofia, as emoções devem ser respeitadas. Mas devemos perceber que elas podem gravitar em torno de assuntos relacionados à Terra, assuntos meramente materiais, e assim produzir cegueira, ou elas podem gravitar em torno de assuntos relacionados ao Sol e transcendentais, e assim produzir Luz - e uma visão clara.”

E ainda:

“A teosofia estimula uma mudança emocional dos horizontes estreitos da ignorância, em direção a um amor mais universal pela verdade e por todos os seres. No entanto, é preciso lembrar que as emoções egoístas nunca poderão ser artificialmente ‘mortas’. Elas devem ter uma morte natural e gradual, que resulta do verdadeiro entendimento. Os teosofistas apenas podem dar elementos e ferramentas para que cada um se liberte.” [2]

É preciso ser independente inclusive de fatores como apoio e aprovação dos outros. Ella Wheeler Wilcox escreveu:

“Quando ouvimos aplausos barulhentos  
Ou recebemos a aprovação da multidão vulgar,  
Já não percebemos a música das esferas,  
Não caminhamos com deuses e anjos, mas com humanos.  
Até que, impotentes devido a medo e constrangimento,  
Os elogios do mundo se tornam desprezo.” [3]

As emoções dão dados fundamentais sobre nosso mundo interno, consciente e subconsciente. Ignorá-las é colocar de lado uma tecnologia da estrutura humana que sintetiza e informa as condições atmosféricas da alma humana.

Se as emoções nos dão força e impulso, que elas nos movam sempre na direção da sinceridade e da ajuda mútua.

(Joana Maria Pinho)

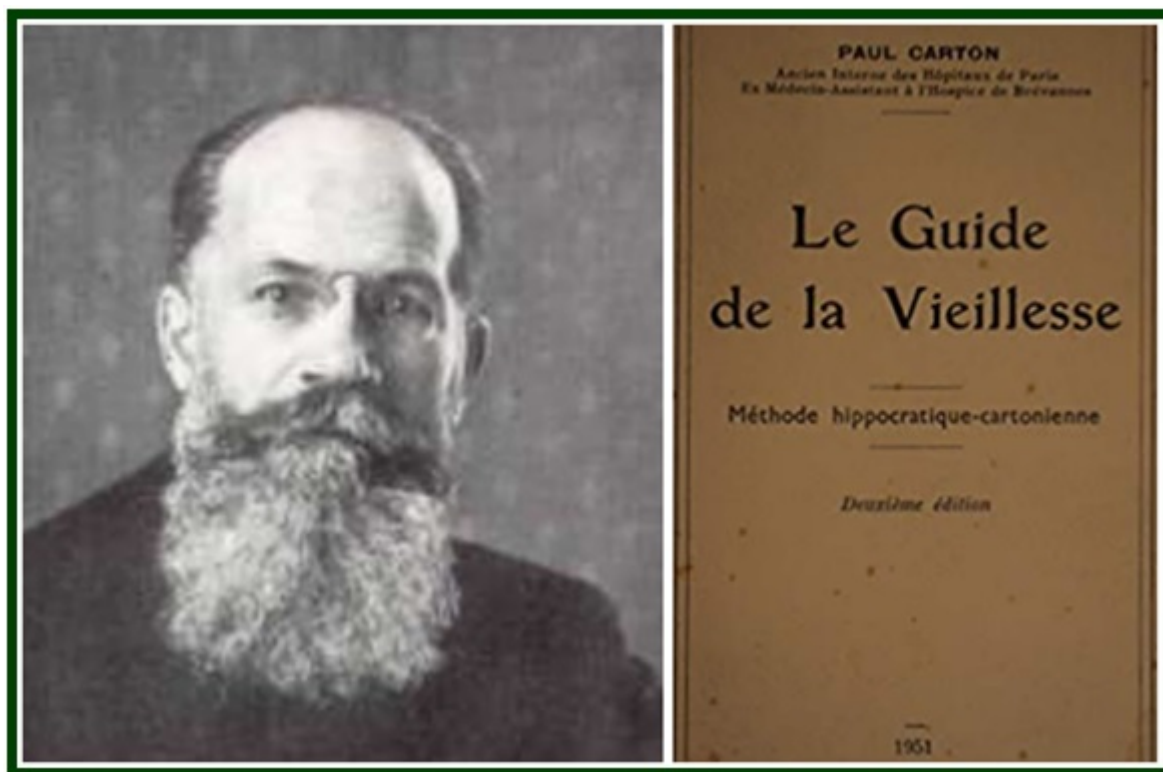
## NOTAS:

[1] Traduzido do artigo “[Theosophy and Emotion](#)”.

[2] Veja “[Theosophy and Emotion](#)”.

[3] Clique para ler “[Poema: Aplauso](#)”, de Ella Wheeler Wilcox.

## Paul Carton: **A Visão Correta da Velhice**



Paul Carton e a capa do seu livro

**A** velhice bem administrada não é uma decadência, mas uma iluminação.

À medida que envelhecemos, é necessário, portanto, participar de modo lógico e por vontade própria da lei natural que estabelece a moderação da parte material e animal do corpo, para aumentar a lucidez e a beleza do espírito. Na natureza, o entardecer é o momento em que o sol se esconde lançando seus raios do modo mais calidamente colorido, e em que a sua luz fica mais magnífica.

(Paul Carton)

[Do livro “Le Guide de la Vieillesse”, Méthode Hippocratique-Cartonienne, Deuxième Édition, Librairie le François, Paris, 1951, Réimpression Photomécanique 1968, 262 pp., ver página 80.]

000

**C**lique para ler o livro “[A Chave da Teosofia](#)”, de Helena P. Blavatsky.

000

# A Base do Renascimento

## Disciplina Diária e Revisão Pitagórica



Uma imagem clássica de Pitágoras

A teosofia afirma que o caminho para a sabedoria é percorrido passo a passo, e mais importante que avançar é estabilizar o passo já dado e manter o ritmo. Tudo na natureza evolui numa cadência cíclica.

Estudar teosofia é buscar o conhecimento de nós mesmos, da nossa origem e destino. É conhecer as leis universais e entender suas manifestações. A compreensão se acomoda devagar, formando um novo olhar para a vida e para a realidade à nossa volta.

Este é um empreendimento interno, solitário, e ao mesmo tempo é feito em companhia de todos os que nele se esforçam. Tem como condição básica o autoaperfeiçoamento constante.

Quero chamar atenção para um texto que, nas palavras de Carlos Cardoso Aveline, constitui “um mapa preciso do caminho prático para a sabedoria divina”. E Carlos acrescenta:

“Os Versos de Ouro expressam em poucas palavras e com uma clareza definitiva o compromisso de vida dos pitagóricos de todos os tempos. Sua mensagem será provavelmente tão atual dentro de 20 ou 25 séculos como era na Grécia e na Roma antigas. Durante a complexa transição atual para uma civilização planetária e democrática, os Versos apontam e sinalizam impecavelmente o caminho da **autorregeneração de cada indivíduo**, que constitui a base fundamental para um **renascimento coletivo** da sabedoria no futuro a médio prazo.”[1]

Faz bem ler e reler textos inspiradores e, eles são muitos no acervo dos websites da Loja Independente. Eles formam uma biblioteca aberta a todo momento e em qualquer lugar. Convido à leitura dos Versos de Ouro de Pitágoras. Compartilho da minha parte os seguintes axiomas, copiados para meu caderno de estudos:

41. **Ao deitares, nunca deixes que o sono se aproxime dos teus olhos cansados,**
42. **Enquanto não examinares com a tua consciência mais elevada todas as tuas ações do dia.**
43. **Pergunta: “Em que errei? Em que agi corretamente? Que dever deixei de cumprir?”**
44. **Recrimina-te pelos teus erros, alegra-te pelos acertos.**
45. **Pratica integralmente todas essas recomendações. Medita bem nelas. Deves amá-las de todo coração.**
46. **São elas que te colocarão no caminho da Virtude Divina.**

(Arnalene Passos do Carmo)

NOTA:

[1] Clique para ver o artigo “[Os Versos de Ouro de Pitágoras](#)”, de Carlos Cardoso Aveline.

000

## **Meditando no Despertar da Minha Cidade**

- \* 1) Respiro calma e profundamente. Deixo de lado as preocupações com assuntos pessoais de curto ou médio prazo.
- \* 2) Penso na dor acumulada do povo do meu país e da cidade em que moro. Observo minha própria dor. Reflito sobre o fato de que é possível transmutar o sofrimento em sabedoria.
- \* 3) Reconheço que o apego à dor não é necessário. Admito que todo obstáculo é fonte de lições.
- \* 4) Concentro-me no fato de que a tarefa maior do ser humano é crescer interiormente, fortalecendo a vontade de agir de modo correto. A vocação humana para a felicidade se realiza através da ética do altruísmo.
- \* 5) Visualizo a população da cidade em que vivo tirando lições de cada desafio que enfrenta. Vejo a sabedoria e a solidariedade permeando as relações entre todos. Imagino a população da cidade a despertar para a força ilimitada da ajuda mútua. Mantenho diante de mim, por um instante, a imagem da comunidade acordando para a solução fraterna dos problemas.

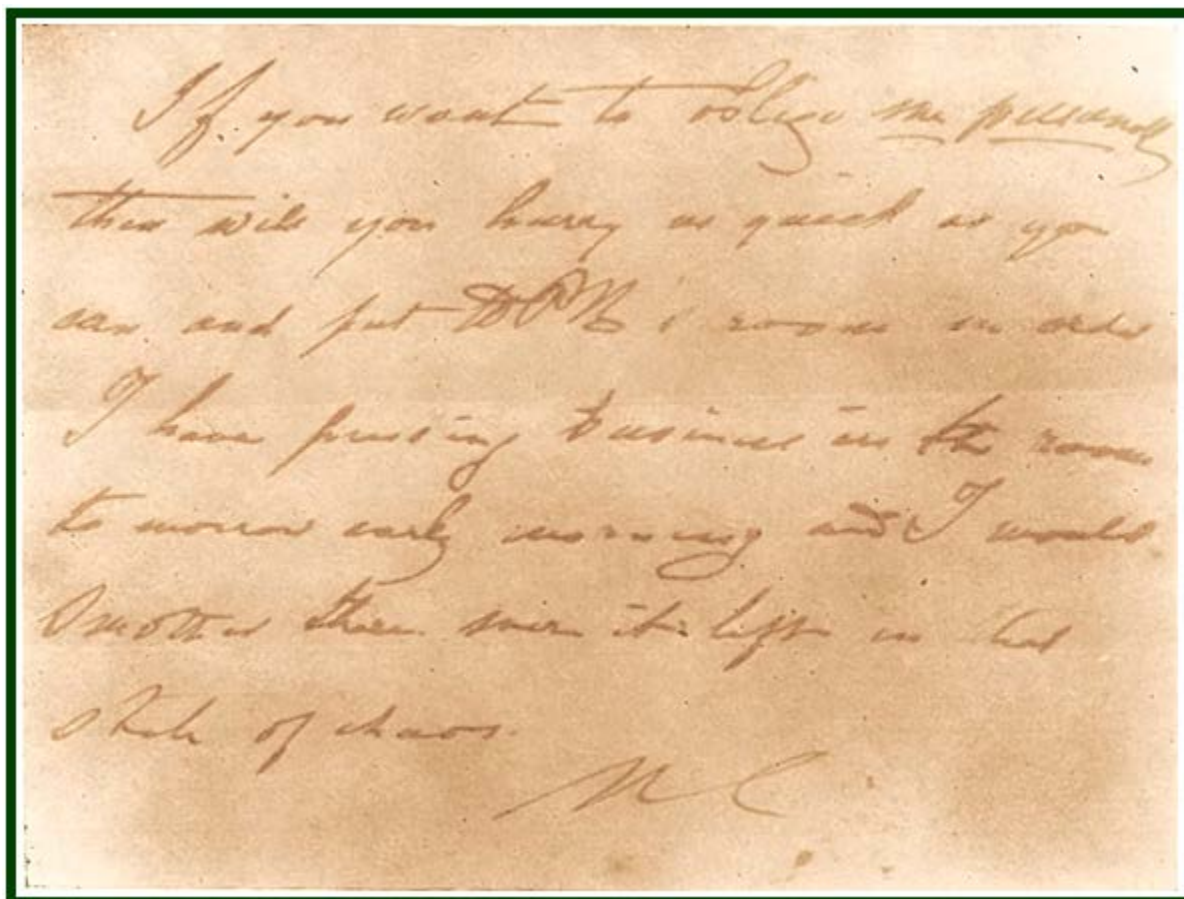
[ Clique para ver a íntegra do artigo [Meditando no Despertar da Minha Cidade](#). ]

000



# Ensinaamentos de um Mahatma - 25

## As Cartas 27 e 28, da Segunda Série



Carta 28 da segunda série, em uma letra pequena e nítida, fácil de ler

### Nota Editorial:

O artigo número vinte e cinco desta compilação de escritos do mestre de Helena Blavatsky apresenta as Cartas 27 e 28 da obra “Cartas dos Mestres de Sabedoria”, segunda série.

A Carta 27 - enviada a Henry S. Olcott - discute o processo infeliz que ocorre quando o peregrino “arrepende-se no meio do caminho”, depois de tomar uma decisão solene de que avançará no rumo do altruísmo, e tendo dado já os primeiros passos. Como é demonstrado na carta, deixar de lado os laços profundos de *amor pessoal* não é algo fácil. No entanto, é um preço a pagar pela expansão da consciência em direção à verdade abstrata, que ocorre durante a busca pelo discipulado.

A Carta 28 esclarece um aspecto curioso da cooperação diária entre um Mestre, um discípulo Iniciado e um aprendiz não iniciado, nas circunstâncias do século 19: alguém precisa arrumar o quarto de HPB, que está em profunda desordem. (CCA)

## Introdução de C. Jinarajadasa

Todas as Cartas do Mestre M., recebidas pelo Sr. Sinnett e outros a partir de 1881, foram escritas com uma letra que o próprio Mestre reconhece como às vezes difícil de decifrar. Mas, antes de 1881, o Mestre usou outra letra, do tipo que aparece na Carta 28. Esta letra antiga é pequena e bem feita, fácil de ler. Há evidências de que nesse período Ele usou uma terceira letra, ainda que apenas uma vez, e esta é mostrada na breve Carta 34.



**Carta 34 da segunda série: uma letra diferente, usada pelo Mestre em 1881**

Há um grande mistério, ainda não esclarecido, quanto ao uso de várias letras pelos Mestres e seus discípulos. Nem todas as cartas foram precipitadas pelos Mestres, como H.P.B. claramente explicou. Algumas eram precipitadas por Chelas, sob instruções gerais dos Mestres. Alguns Mestres conheciam idiomas europeus; outros não conheciam. O Mestre M., nessa época, nada sabia de inglês e quando escrevia tinha de usar a tradução de seu pensamento no cérebro de algum discípulo, como H.P.B., Coronel Olcott e outros.[1] Às vezes Ele usava linguagem presente no cérebro do Mestre K. H.

A Carta que segue, embora assinada por Ele, parece-me escrita por um dos discípulos. Está escrita com a letra bem feita e legível acima referida.

Com relação às dificuldades financeiras dos Fundadores nesse período na Índia, mencionadas na Carta, deve-se lembrar que eles tinham que prover recursos para sua manutenção através de seus próprios esforços. H.P.B. obtinha alguma renda com seus artigos para jornais russos. Alguns destes aparecem no livro *From the Caves and Jungles of Hindustan (Das Cavernas e Florestas do Hindustão)*. Antes de deixar a América, o Coronel Olcott fez preparativos para ser agente na Índia de diversas firmas americanas. Nos primeiros três anos na Índia, antes que *The Theosophist* e a venda de livros dessem uma pequena mas segura renda, ele tentava constantemente montar um negócio como agente administrativo. Encontram-se referências em seus diários a repetidas visitas a firmas de Bombaim e à exportação de peles de tigre e curiosidades indianas e importação de relógios. Damodar K. Mavalankar, quando filiou-se à Sociedade, doou tudo que pode, o que no entanto não era muito. Ele deu a H.P.B. um cavalo e uma carruagem. Em 13 de abril de 1881, quando foram feitas prestações de conta, descobriu-se que, de 1 de dezembro de 1878 a 30 de abril de 1881, havia um saldo negativo para a



Sociedade de 19.630 rúpias, que, naturalmente, havia sido coberto com contribuições dos Fundadores.

A Carta 27 foi recebida em 11 de junho de 1879, quando evidentemente as perspectivas pareciam bastante desanimadoras para o Coronel Olcott. Seis semanas mais tarde, ele recebeu as deprimentes notícias de Nova Iorque de que havia sido fraudado em sua gratificação de \$ 10.000 no “caso do seguro Albany”, e que não possuía participação alguma numa mina de prata, algo com que ele contava.

(C. Jinarajadasa)

## Carta 27

Coronel H.S. Olcott

Uma vez que você chegou à conclusão de que foi uma “ação de lunáticos” ter deixado seu país e ter vindo para cá da maneira como fez, presumivelmente sob a influência do Sr. Hurrychund Chintamon e de Mooljee Thackersey, conquanto saiba que isso não é verdade, quanto antes chegarmos a um entendimento melhor para todos nós.

Para começar, era seu próprio desejo mais fervoroso ir para a Índia. O Sr. Wimbridge e a Srta. Bates podem queixar-se, você não pode. Em segundo lugar, uma vez que você decidiu fazer da Índia seu novo país, estando isto em concordância com as ordens diretas de nosso bem-amado Senhor e Chefe, aquele que você conhece sob o nome de S. e de *Maha Sahib* [2], você partiu *não antes, porém mais tarde do que deveria*.

Contudo, fazemos melhor em não falar sobre aquilo que está feito e é irreparável. Após a devida consulta decidimos, ...

Temos a lamentar que em vez de abrir seu caminho como um *homem* você convide com tanta naturalidade o Irmão que está de guarda “a passar fome” com você tão graciosamente quanto puder. Não imagine aquilo que não pode ser; não espere que no último instante seja socorrido. Se está despreparado para passar pela primeira provação e assegurar seus direitos de um futuro Adepto, forçando as circunstâncias a renderem-se diante de si - está, também, totalmente despreparado para quaisquer provas adicionais.

É melhor que aproveite nossa oferta. A imagem da sua esposa e do seu filho sempre o puxarão de volta para a América. [3]

M .:

## Carta 28

Coronel H.S. Olcott,  
Sociedade Teosófica.

Se quiser fazer-me um favor *pessoal*, então apresse-se e coloque em ordem, tão rapidamente quanto possível, o quarto de H.P.B. Tenho assuntos urgentes no quarto amanhã de manhã cedo, e ficaria asfocado se ele fosse deixado naquele estado de caos.

M .:

## NOTAS:

[1] Embora não soubesse a língua, o Mestre podia *ver* diretamente, olhando para as vibrações, se a tradução estava correta. Ao falar mentalmente com discípulos, por exemplo, ele com frequência usava o vocabulário deles próprios, em suas línguas nativas. Devemos levar em consideração que as comunicações telepáticas dos Mestres eram no máximo apenas parcialmente verbais, com frequência pouco verbais, e algumas vezes sem palavra alguma, mas apenas búddhicas ou buddhi-manásicas, isto é, acima do mundo verbal. Isto é mostrado nas Cartas dos Mahatmas. Há evidências de que este tipo de mensagem não-verbal pode ser a única forma de contato com Mestres desde o ano de 1900. Veja “[A Carta de 1900, na Íntegra](#)”, e “[Sobre Contatos com Mestres](#)”. (CCA)

[2] “*Maha Sahib*”, um título dado ao Mestre Serapis, não deve ser confundido com o de “*Maha-Chohan*”. (C. Jinarajadasa)

[3] Revisamos este parágrafo final e o corrigimos levando em conta o original em inglês. A edição brasileira indica erradamente “filhos”, no plural. (Os editores de “O Teosofista”, em maio de 2019)

000

O texto acima reproduz as Cartas 27 e 28 de “**Cartas dos Mestres de Sabedoria**”, transcritas e compiladas por C. Jinarajadasa, Segunda Série, Ed. Teosófica, Brasília, 2010, revisão técnica de Carlos Cardoso Aveline, 295 pp., ver pp. 206-210.

A edição em inglês de 1948 da obra pode ser lida em PDF [nos websites associados](#).

000

## 1919-2019:

# Quem Foi Robert Crosbie

## Notas Sobre um Pioneiro do Movimento Teosófico

Ao liderar a fundação da Loja Unida de Teosofistas em 1909, Robert Crosbie tomou uma iniciativa histórica que não só possibilitaria a valorização da literatura teosófica original, mas iria garantir a preservação do ponto de vista, da metodologia e do clima de trabalho dos primeiros anos do movimento esotérico moderno.

Sua vida e seu trabalho são também uma referência para a Loja Independente de Teosofistas, fundada em setembro de 2016.

Apenas três anos depois da morte de H. P. Blavatsky em Londres, o movimento que ela fundara desintegrou-se. Annie Besant e Henry Olcott provocaram em 1894-1895 a primeira divisão formal do movimento teosófico, ao promover acusações e uma perseguição política contra William Judge. A meta era obter o poder institucional. Como quase toda a seção norte-americana do movimento, Crosbie apoiou Judge e a teosofia original de H.P.B., que Judge defendia.

Crosbie e seus colaboradores fundaram a revista mensal “Theosophy” em 1912. Ela surgiu como um instrumento para manter em circulação e tornar conhecidos os textos e artigos de H.P.B. e Judge. A LUT fazia um contraponto em relação ao culto à personalidade dos líderes, que tomava conta da Sociedade de Adyar. A associação surgia pouco a pouco como um espaço em que as personalidades deviam ser esquecidas, para que se pensasse no ensinamento.

Robert Crosbie morreu em 25 de junho de 1919, dez anos depois de fundar a Loja Unida. Três anos mais tarde, em 1922, o indiano B. P. Wadia abandonou a Sociedade Teosófica de Adyar e aderiu à LUT. Este fato fez com que a Loja ganhasse expressão internacional significativa.

000

Veja o artigo completo: “[Quem Foi Robert Crosbie](#)”.

000

## **Lições Duradouras Em Um Minuto**

### **Nove Vídeos Curtos, Para Ampliar o Horizonte**



**[1. O Conselho dos Sábios](#)**

**[2. O Compromisso do Peregrino](#)**

**[3. Rascunho de Uma Oração](#)**

**[4. Uma Sintonia Diária Com o Que é Sagrado](#)**

**5. Onde É Que Nós Vivemos?**

**6. A Alavanca dos Teosofistas**

**7. As Decisões Corretas**

**8. A Oração da Boa Vontade**

**9. Oração Para Antes de Dormir**

000

**Construindo um Templo Interno**  
**Cada um Pode se Transformar**  
**Num Pequeno Centro de Boa Vibração**



Um dos primeiros passos na caminhada do peregrino teosófico rumo à autoconsciência passa por uma misteriosa deferência por tudo o que é grandioso e desconhecido.

Esse é um passo importante. O assombro com a vastidão da natureza, do universo e da vida inclina o buscador da verdade ao desejo de escrever acerca do que aprende, fazendo uso de sua percepção das coisas. Esta reflexão sobre o mundo é intuitiva, manifestando-se, depois, por palavras.

O sistema da natureza, que o estudante começa a compreender graças ao estudo da teosofia clássica, contém em potencial todo o conhecimento acerca da evolução do universo, de suas leis e da sua finalidade.

A verdadeira paz interna dispensa o que é destruído pelo tempo. O peregrino passa a ter seu foco em sua própria substância essencial, que em si é duradoura. Os edifícios religiosos se tornam desnecessários. Não será nos altares de mármore que o Ser Imortal surgirá, mas no átrio dourado do coração do buscador da verdade.

O mesmo silêncio encontrado nos templos de pedra pode ser encontrado na vastidão dos mares e campos, no pôr do sol, no brilho prateado da lua e dos astros no firmamento. Existe um templo à nossa volta, tão grandioso que se estende desde a imensidão do universo até o centro invisível da consciência de cada ser vivo.

Em algum momento de seu caminho o estudante começa a olhar para dentro de si. Começa a perceber que ele mesmo é um templo. Que é composto de muitas moradas, as quais são habitadas por faces diferentes de si mesmo. Cabe adentrar em cada um destes cômodos, e afastar as cortinas que impedem que a luz limpe e ilumine tudo. Esta luz surge de dentro, de seu Eu Real e Superior, que é o habitante do templo interno. Esta é a verdade, partilhada por todos os seres e que pode ser amadurecida por um processo de autoconstrução.

Avançando o estudante pelo caminho do ensinamento contido nas obras clássicas, bem como no esforço interno por cultivar e preservar a verdade, o processo de aprendizado se consolida.

O sistema ético que o estudante aos poucos constrói se torna um modo natural de conduta no dia a dia. Aos poucos se vai afastando de coisas inúteis e preferindo a companhia do bem e da verdade.

Os semelhantes interagem e cooperam entre si. O bom magnetismo acaba por congrega aqueles que têm por norma o cultivo da ética e do altruísmo. Se cada um se torna um pequeno centro de boa vibração, ocorre uma transmutação na sociedade como um todo, que passa a cumprir corretamente o seu papel histórico.

Mahatma Gandhi, como tantos outros, ensinou pelo exemplo, e definiu normas de conduta ao seu Ashram, que são a expressão de um profundo amor ao ideal sagrado de cumprir com os deveres apontados pela natureza humana:

*“Com toda humildade me esforçarei  
para ser amigo, verdadeiro, honesto e puro,  
para nada possuir de que não tenha necessidade,  
para merecer o salário do meu trabalho  
e ser eternamente vigilante  
naquilo que bebo e como,  
e para ser intrépido sempre,  
procurar ver sempre o bem no meu próximo,  
seguir fielmente o svadeshi [1]  
e ser um irmão para todos os meus irmãos.” [2]*

Por pequeno que seja, cada esforço rumo à meta correta da justiça interna e externa contribui para fortalecer o caráter interior.

Cultivar o hábito da meditação proporciona expansão da consciência e uma sintonia com o que é duradouro.

O contato frequente com a natureza e suas expressões (ventos, rios, florestas, terra e céu) favorece e amplia a percepção interior, que se torna capaz de absorver as mensagens ocultas



da natureza. Também é possível ter um vislumbre da harmonia sagrada existente no fluxo do tempo e nas muitas dimensões do espaço que nos circunda.

Aos poucos, em meio aos nossos erros e fracassos, aquilo que há de mais interno e superior em nós é reconhecido como um pequeno templo; um precário espelho do universo; uma limitada expressão da Lei Universal na escala da consciência humana imperfeita.

Nesse sentido, Carlos Cardoso Aveline escreveu:

*“O verdadeiro templo está no centro da consciência do indivíduo. O estudante sabe que pode visitar a cada dia esse santuário, e que para isso deve deixar do lado de fora da porta de entrada os sapatos das preocupações materiais.” [3]*

Para viver como um templo, é preciso ter foco nas ações corretas, abandonando ou combatendo os males do mundo. É correto auxiliar a evolução dos demais seres, nossos irmãos de caminhada.

Quanto mais nos conhecemos, mais podemos conhecer aos outros, sendo possível dialogar diretamente com suas almas e mentes por intermédio da linguagem sutil e intuitiva, de Buddhi-Manas.

Cada um é uma fortaleza em construção. Não somos, porém, como uma dura e alta muralha. Guardamos tesouros em nossos corações à medida que vamos acumulando experiência dentro de um processo de discipulado leigo. A vida do aspirante à sabedoria passa a servir de exemplo impessoal. Há nela um tesouro interno que se expande e acaba por influenciar os seres aptos a partilhar do mesmo magnetismo.

Podemos ler no mesmo texto:

*“Aqueles que se reúnem diariamente com suas consciências constroem a única base firme para a busca da felicidade. A verdadeira bem-aventurança é incondicional. Ela independe de fatos externos de curto prazo. Nela está o alicerce durável do movimento esotérico autêntico.”*

*“O movimento teosófico tem sua base primeira no plano celeste e na alma imortal de cada estudante. O mundo externo é o campo de testes e a lavoura a ser trabalhada pelos que plantam o bem através da vivência da sinceridade.” [4]*

A Loja Independente de Teosofistas se apresenta como um convite. Dentre todos os seres, aqueles que se aproximam dela ampliam a digna oportunidade de convívio e cooperação na construção do futuro. A eles oferecemos o nosso trabalho.

(Emanuel Tadeu Machado)

## NOTAS:

[1] Svadeshi: serviço altruísta aos que estão perto de nós, compromisso com a produção independente de bens econômicos, autonomia econômica e social da comunidade local. (Nota explicativa do texto “[Voto dos Membros Do Ashram de Gandhi](#)”)

[2] “[Voto dos Membros Do Ashram de Gandhi](#)”.

[3] “[Um Confronto Diário no Templo](#)”.

[4] “[Um Confronto Diário no Templo](#)”.

000

## Novos Itens em Nossos Websites

Este é o informe mensal dos websites associados. [1] Dia 30 de maio tínhamos 2466 itens em nosso acervo, dos quais 11 estavam em francês, 1171 em português, 1153 em inglês e 131 em espanhol.

Os seguintes itens foram publicados entre 02 e 30 de maio de 2019:

(Títulos mais recentes acima)

1. **Poema: Aplauso** - *Ella Wheeler Wilcox*
2. **Lessons of Kindness and Goodwill** - *Carlos Cardoso Aveline*
3. **Blavatsky, la ONU y la Democracia** - *Carlos Cardoso Aveline*
4. **Lettres des Mahatmas** - *A. Trevor Barker (ed.)* [livro]
5. **Ideias ao Longo do Caminho - 23** - *Carlos Cardoso Aveline*
6. **The Roots of Lucidity and Pain** - *Carlos Cardoso Aveline*
7. **Distinction de L'Âme Sensitive et de L'Esprit** - *Maine de Biran*
8. **Thoughts Along the Road - 32** - *Carlos Cardoso Aveline*
9. **Ideias ao Longo do Caminho - 22** - *Carlos Cardoso Aveline*
10. **Comment les Mystères Sont Enseignés** - *Un Maître de la Sagesse*
11. **La Luna Llena de Mayo** - *Carlos Cardoso Aveline*
12. **Written Lessons in Philosophy** - *Carlos Cardoso Aveline*
13. **Les Mahatmas Enseignent Qu'il n'y a pas de Dieu** - *Un Maître de la Sagesse*
14. **The Aquarian Theosophist, May 2019**
15. **Meditação, o Silêncio Que Purifica a Alma** - *Carlos Cardoso Aveline*
16. **Celebrando el Día Ocho de Mayo** - *Carlos Cardoso Aveline*
17. **Thoughts Along the Road - 31** - *Carlos Cardoso Aveline*
18. **O TEOSOFISTA, Maio de 2019**

NOTA:

[1] Os websites associados incluem [www.FilosofiaEsoterica.com](http://www.FilosofiaEsoterica.com), [www.CarlosCardosoAveline.com](http://www.CarlosCardosoAveline.com), [www.AmazoniaTeosofica.com.br](http://www.AmazoniaTeosofica.com.br), [www.HelenaBlavatsky.net](http://www.HelenaBlavatsky.net), [www.TheosophyOnline.com](http://www.TheosophyOnline.com), [www.HelenaBlavatsky.org](http://www.HelenaBlavatsky.org) e [www.TheAquarianTheosophist.com](http://www.TheAquarianTheosophist.com).

000

**Em que nível** você está do caminho espiritual? Ou os seus amigos? Veja o artigo “[Kohlberg e os Estágios da Consciência Ética](#)”.

000

## Inteligência Espiritual Cresce pelo Uso As Oportunidades Para Alcançar a Sabedoria



Alguns estudantes de teosofia tentam viver com autodisciplina enquanto realizam tarefas altruístas. Deste modo ajudam a manter acesa e a espalhar na civilização humana a chama transcendente da fraternidade universal.

Fundado há menos de 200 anos, o verdadeiro movimento teosófico é muito menor que o movimento teosófico nominal. Ele é extremamente pioneiro, ainda, e a sua essência e o seu ponto mais elevado consistem de altruísmo.

Através da disciplina correta, o teosofista produz a substância da construção. A energia positiva é gerada por meio de tudo que o indivíduo pensa e faz, estando sozinho ou não. O eu superior observa todas as coisas. As tarefas teosóficas são uma dimensão central neste contexto, mas cada pequeno gesto ou pensamento emitido ajuda ou, às vezes, atrapalha.

O trabalho é “oculto”, na nomenclatura dos Mestres. Não está preso a aparências. Raramente é visível. Com razão Maine de Biran escreveu que a ação da alma humana não depende dos cinco sentidos, ou seja, é “insensível”:

“As operações interiores e constantes do espírito são insensíveis”, disse Biran, “e aquilo que é sensível em si não pode ser espiritual nem puramente abstrato. Em todas as operações do entendimento e da vontade, há sempre um espírito oculto que opera por sua eficácia insensível. Os místicos pensam que este espírito age tanto mais perfeitamente pelo fato de ele não manifestar-se por nenhum discurso nem ato próprio, e porque, absorvido em sua fé, deixa que a ação seja de Deus.” [1]

